

# O “PESO” DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NO INTERNATO DE MEDICINA GERAL E FAMILIAR

Joana Resse Lascasas<sup>1,2</sup>, Joana Peixoto<sup>2,3</sup>

<sup>1</sup> Médica Interna de Formação Específica em Medicina Geral e Familiar, UCSP Caminha, Unidade Local de Saúde do Alto Minho

<sup>2</sup> Editora-adjunta da AIMGF Magazine

<sup>3</sup> Médica Interna de Formação Específica em Medicina Geral e Familiar na USF Mais Saúde, Unidade Local de Saúde do Alto Minho

O estabelecimento da Medicina Geral e Familiar (MGF) como especialidade médica reconhecida percorreu um longo caminho. Os cuidados primários foram evoluindo ao longo do tempo, inicialmente com médicos indiferenciados em que as atividades educacionais eram centradas no hospital e os orientadores de formação pertenciam a outras especialidades, culminando na constituição do internato complementar como modo único de acesso à carreira. De modo síncrono, a evolução da tecnologia promoveu a realização de investigação clínica pertinente, pelo acesso facilitado e atempado à atualidade científica.

Assim, a MGF foi crescendo como especialidade pautada pelo rigor e qualidade. Esta condição, aliada ao número sucessivo de estudantes de medicina, aumento da idade da reforma e assimetrias na necessidade de médicos de família (MF) entre diferentes regiões do país culmina, muitas vezes, numa “corrida” aos trabalhos científicos. O formando perde o foco, privilegiando a quantidade e não a qualidade dos respetivos trabalhos. Todavia, será este conceito de completar (e mesmo ultrapassar) o número de publicações contempladas na grelha da prova curricular do exame final ideologicamente errado? Provavelmente não... No entanto, a qualidade do trabalho em questão e o modo de apresentação deveriam ser valorados, em detrimento da quantidade.

Além disso, com frequência, os cursos concebidos para a aprendizagem da elaboração de artigos científicos são curtos no tempo, não dotando o formando de todas as capacidades necessárias (desenho de estudo, análise estatística) para levar a cabo

uma investigação do início ao fim. Não raras vezes, a colheita de dados envolve um processo manual e moroso, tendo como desfecho a desmotivação.

Em acréscimo, o discernimento e *insight* acerca das verdadeiras necessidades teórico-práticas do interno, além da priorização da prática clínica deveriam imperar, balanceando as restantes necessidades curriculares.

A AIMGF Magazine congratula-se pelo compromisso, transparência e profissionalismo, refinando ao longo dos anos o seu conselho científico e corpo editorial. A sua máxima prende-se com a qualidade das publicações, mantendo-se como revista de referência na área da Medicina Geral e Familiar. Agradecemos a vossa confiança, neste que pretende ser o nosso contributo para a manutenção e/ou superação de um nível de excelência.

